

Estados de Confusão

Autor: Walther Hermann Kerth

Recentemente recebi duas perguntas de um de nossos leitores cujas respostas, imagino poderem ser de interesse de outros, não só pela importância das perguntas, como também para convocar nossos leitores a uma reflexão produtiva.

1) “Em relação às batatas, onde, quando e por quem foi feito o estudo? Já o tinha lido, mas achei que fosse irreal” (questão relacionada com a divulgação dos resultados da pesquisa que deu origem à Teoria do Centésimo Macaco mencionada no artigo “MEMÓRIA” da newsletter “Nova Educação” da primeira quinzena de maio/2002)

2) “Experimentar novas formas de agir e pensar não levaria a uma “desagregação” do pensamento, uma espécie de confusão mental com conseqüente perda cognitiva?” (questão relacionada com a sugestão de valorizarmos a importância de desenvolvermos flexibilidade e criarmos estados de dúvida intencionalmente, apresentada na edição citada anteriormente e também na edição da segunda quinzena de junho “PENSAMENTO SISTÊMICO”)

Respondendo à primeira pergunta, esta pesquisa é mencionada nos livros de Rupert Sheldrake, biólogo inglês criador da Teoria dos Campos Morfogênicos. Mesmo admitindo que fosse um boato, é ainda um fenômeno observável nos seres humanos, você não concorda? Trata-se de um processo através do qual os indivíduos de uma determinada espécie tem acesso ao conhecimento daquela espécie inconscientemente, quando uma quantidade crítica de indivíduos aprende um novo comportamento ou atitude.

Se ainda levarmos em conta os novos modelos sistêmicos de compreensão da ciência, nos quais o resultado de um experimento poderia sofrer influência, pelo menos em parte, pela intenção dos observadores e experimentadores (cientistas que desejavam provar tal teoria), então até mesmo o resultado respeitado da pesquisa poderia não ser absolutamente isento!

Quanto à segunda pergunta, sim, pode haver uma desagregação dos condicionamentos quando nos expomos a processos de transformação e enfrentamos a confusão, mas não é exatamente isso que pessoas insatisfeitas buscam? Quando não estamos satisfeitos com nossos sentimentos, relacionamentos, profissões, etc., não são estes os contextos adequados para nos entregarmos ao desconhecido e buscar o novo?

Isto é, a confusão é um poderoso estado de desestruturação de condicionamentos antigos e funciona como a terra revolvida (arar a terra para arejar e tornar mais fértil) no plantio (é da confusão que nasce o novo) – pense nos dramas e depressões (‘grandes confusões’) dos grandes artistas, que antecedem grandes produções, obras e criações! A confusão pode ser utilizada deliberadamente em processos terapêuticos quando, tanto paciente quanto terapeuta, buscam alguma mudança de hábitos ou comportamentos indesejados.

Quanto à perda cognitiva ou desagregação do pensamento, elas são tão valiosas quanto as capacidades de elaboração ou de estruturação. Caso você discorde, considere cada uma das revoluções científicas e você concluirá que os predecessores de cada nova grande descoberta devem colapsar o seu conhecimento antigo para dar lugar ao novo!

Se ainda lembrar da mitologia hindu, ou do papel destinado ao diabo em nossa mitologia cristã (mesmo sabendo que o diabo é tão filho de Deus quanto cada um de nós), talvez conclua que, para se construir o novo é muitas vezes necessário desarticular o antigo. Hoje se sabe que o novo pode conviver com o antigo na maioria das vezes, mas nem sempre a conquista do espaço para o novo seja tranquila. Para criar as condições para a existência de um novo paradigma, frequentemente nos deparamos com uma revolução de conceitos, valores, crenças e formas de agir e pensar. Nesse sentido, para aqueles que valorizam a evolução, a confusão é tão valiosa quanto o entendimento, guardados os contextos adequados para cada uma: nem somente confusão nem somente estabilidade e segurança!

Caso queira aprender um pouco mais sobre isso, leia os livros Milton Erickson, Jay Haley ou Bert Hellinger para compreender melhor tais idéias no contexto terapêutico. Se preferir ciência, leia algo sobre Thomas Kuhn, Einstein, Fritjof Capra, Michael Talbot entre muitos outros.